

A Formação Permanente dos Diáconos

Introdução

A formação permanente é um problema de sempre, embora a sua importância se tenha acentuado nos últimos anos. É de sempre porque visa habilitar a pessoa humana a estar preparada para enfrentar e dar resposta positiva aos desafios que a vida lhe coloca. A sua importância acentuou-se ultimamente porque o ritmo e a profundidade das mudanças em todas as áreas sociais provocam contínuas surpresas e constantes interpelações a que ninguém pode manter-se alheio, sobretudo quando investido em serviços eclesiais e em funções de responsabilidade institucional.

Por isso, parece-me muito aliciante e provocador a temática escolhida para as II Jornadas Nacionais sobre o Diaconado Permanente¹, especialmente aquela que se refere à formação contínua e às suas implicações práticas, quer a nível das pessoas, quer das instituições ou serviços oficialmente encarregados pela sua realização.

Na sua apresentação, parece-me importante partir de uma base sólida que sublinhe a necessidade de avivar continuamente o dom recebido pela imposição das mãos na ordenação (ponto 1); depois julgo ser necessário prestar atenção à situação de cada diácono, procurando identificar as características mais comuns à fase etária, psicológica e espiritual que possa estar a viver (ponto 2); em seguida, creio indispensável recordar os traços mais salientes do seu perfil, a fim de obter uma espécie de ideal a prosseguir continuamente (ponto 3 e 4); e final-

¹ Estas Jornadas decorrem em Fátima nos dias 28 de Novembro a 01 de Dezembro de 1997 e têm como ideia força '*Diaconado permanente – Dom a descobrir*'. É no âmbito dessas Jornadas que faço a comunicação que dá origem a este artigo.

mente, pretendo esboçar um itinerário de formação para ajudar o diácono nos seus esforços de compreensão prática dos desafios surgidos a partir das situações vividas e dos passos a dar rumo àquele ideal polarizante e mobilizador (ponto 5).

Em notas de rodapé, vou deixando referências fundamentais e indicando fontes de informação e consulta que podem ser úteis a quem pretenda desenvolver e aprofundar a temática da formação permanente dos diáconos na Igreja portuguesa.

1. Reavivar o Dom: Objectivo constante da formação permanente

“Exorto-te a que reanimes o dom de Deus que está em ti pela imposição das minhas mãos. De facto, Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sabedoria. Não te envergonhes, portanto, de dar testemunho de Nosso Senhor, nem de mim, Seu prisioneiro; pelo contrário, participa do meu sofrimento pelo Evangelho, confiando no poder de Deus” (2 Tim 1, 6-8).

Esta exortação de Paulo ao seu discípulo Timóteo condensa, de forma feliz e elucidativa, o que é mais importante na formação permanente do ministério ordenado. Não se trata de saber ou de fazer ‘coisas’, nem de estar mais habilitado para a missão nem de dispor de meios para dar resposta às interpelações da sociedade em mudança ou da Igreja em renovação.

O apóstolo vai directo ao cerne da questão. O mesmo faz a exortação apostólica *Pastores dabo Vobis*, de João Paulo II, na sequência do sínodo dedicado à formação dos sacerdotes nas circunstâncias actuais.

Bem procedemos nós, se continuarmos no mesmo rumo e avançarmos por caminhos que nos conduzam à reanimação do dom recebido pela imposição das mãos e ao reconhecimento das suas manifestações: confiança filial, fortaleza apostólica, amor oblativo, sabedoria experiente, coragem destemida, testemunho evangélico, sofrimento solidário.

Este dom está em cada pessoa que recebe a ordenação. É um dom que nos marca profundamente e configura todo o nosso ser e agir. É um dom que nos relaciona com Jesus Cristo e identifica com Ele. É um dom que nos faz servos do Evangelho nas condições normais da

vida, sobretudo em circunstâncias de incompreensão e sofrimento (cf. 1 Tim 4, 14-16 e 2 Tim 1, 6-8)².

A concretização deste dom fará surgir uma diversidade de serviços confiados aos diáconos. A sua projecção dá origem a várias imagens e configurações que podem agrupar-se basicamente em dois modelos:

- o que o Vaticano II pretende restaurar e, por isso, é mais tradicional na Igreja; neste modelo, a função do diácono está polarizada nas pessoas necessitadas e na prática dos serviços de atendimento e de assistência; é a pastoral da caridade nas suas múltiplas facetas que vai constituir um dos mais belos capítulos da história da Igreja e de inserção social;
- o que provém das circunstâncias especiais vividas em algumas dioceses, como por exemplo a falta de padres e o abandono em que se encontram certas paróquias ou instituições eclesiais; é o modelo em que o diácono exerce um ministério de suplência, de substituição de outro a quem pertence oficialmente a realização do ofício; neste caso, a função do diácono é meramente transitória e supletiva, e a sua razão de ser surge como fruto da missão recebida em virtude das circunstâncias.

A reflexão teológica e a prática pastoral estão chamadas a repensar o contexto em que surge e se pretende implementar o diaconado de modo a estimularem a procura de elementos novos que venham a fazer a sua configuração, hoje e aqui, salvaguardando sempre o seu estatuto eclesial de parte integrante do ministério ordenado, de origem sacramental³.

2. Situação diversificada e pluriforme

Face à experiência vivenciada do dom recebido, a situação dos diáconos apresenta-se diversificada e pluriforme. As respostas obtidas no *Inquérito*⁴ que preparou as I Jornadas Nacionais são, com certeza,

² Cf. Ritual das Ordenações, oração consagratória do Diácono.

³ Cf. POTTIER, B. – La sacramentalité du diaconat. *Nouvelle Revue Théologique*. 119/1 (1997) 20-30.

⁴ Cf. ANTUNES, Marinho – *Situação do Diaconado permanente em Portugal*, tema apresentado nas Jornadas de 1997.

muito elucidativas. Convém, por isso, tê-las em conta e dar-lhes o devido apreço.

Significativos são também os dados recolhidos em três áreas pastorais conhecidas e que nos podem servir de referência. São elas a diocese de Aveiro, a intervenção de Mons. Crescenzo na Conferência Nacional do Diaconado Católico dos Estados Unidos e o relatório dos Bispos deste país americano. Estas áreas constituem 'casos típicos' de muitas outras, igualmente significativas, que facilmente se poderiam evocar.

2.1. Situação na diocese de Aveiro

O acompanhamento pastoral dos diáconos é feito de modo habitual nesta diocese. Reveste duas modalidades: a dos sectores em que cada um se situa, a partir do ministério que exerce, e a que brota da fraternidade diaconal que tem a sua origem na ordenação e o seu revigoração na graça do Espírito e na rede solidária de atenções mútuas e de órgãos institucionais, sobretudo o conselho diaconal.

Num dos encontros mais recentes, reflectia-se precisamente o modo como cada um sente e vive o serviço diaconal, a experiência de Deus que o exercício do ministério lhe provoca, a repercussão do seu testemunho na família, designadamente junto da esposa, também ela chamada a apreciar e a deixar-se imbuir pelo Espírito que foi concedido e anima o marido ordenado.

O clima de partilha e de oração, de diálogo e de convívio, propiciou uma comunicação em profundidade, envolvente das experiências mais significativas de cada um, e uma reflexão sistemática sobre o seu significado⁵. Nesse contexto, surgiram algumas expressões muito elucidativas dos sentimentos predominantes nos participantes e das correspondentes atitudes assumidas. Enumero-as quase todas, reproduzindo sempre que possível a forma usada na comunicação espontânea.

"Vivo o que faço e procuro ser coerente no meu testemunho".
"Sinto-me a crescer na fé como cristão e, por vezes, a fugir de Deus à

⁵ Cf. Documento-memória do Encontro de 30.10.97, Arquivo dos Diáconos Permanentes, Centro de Acção Pastoral, Aveiro 1997. Esta diocese ordena os primeiros diáconos, em 22 de Maio de 1988; actualmente tem 17 e um grupo de oito candidatos está no final do seu curso de preparação básica.

semelhança de Adão e de Eva". "Para mim é urgente viver mais a espiritualidade na família; estou no 1º Km de uma longa caminhada".

"Estou grato ao nosso bispo pela confiança que tem em mim e na minha esposa; servimos em equipa de apoio aos jovens que fazem a preparação remota para o matrimónio; sinto-me realizado, embora sofra algum desencanto pela falta de solidariedade e de resposta no trabalho pastoral". "O humano sobrepõe-se; há assuntos fulcrais da religião que devem ser retomados na formação; sinto necessidade de crescer espiritualmente". "Há problemas na coordenação dos trabalhos pastorais com o presbitério (pároco e vigários); na realização do ministério, falta-me o apoio da minha esposa, que Deus chamou a si".

"O Espírito de Deus está em mim; experimento esta presença, a partir da minha família e da paróquia; o apoio na formação tem sido nulo; a ordenação parece ser mais um adorno para fins que não são os principais; às vezes, pergunto-me se não terei sido empurrado para esta situação numa fase de menos amadurecimento". "A minha caminhada na comunidade tem vindo a crescer; tomo parte com regularidade nos encontros mensais do clero do meu arceprelado e organizamos o serviço em conjunto".

"Sinto-me feliz por ter sido ordenado diácono; sou diferente na família; a minha esposa compreende a missão que me está confiada e ajuda-me". "Esforço-me por transformar o que faço em serviço diaconal; assalta-me, de vez em quando, a tentação de ter ou não valido a pena ser ordenado; luto contra os sentimentos negativos e vou repetindo que sim, que valeu a pena; a esposa queixa-se do afastamento da família".

2.2. Intervenção de Mons. Crescenzo

Mons. Crescenzo Sepe faz, em 1994, uma intervenção cheia de interesse para o nosso tema, na qual destaca constatações dignas de especial atenção. Enumeram-se, apenas, as mais pertinentes⁶.

⁶ Cf. SEPE, Crescenzo - Le diaconat: Un signe visible de l'action de l'Esprit Saint. *La Documentation Catholique*. 2104 (20.11.1994) 1005-1010. Mons. Sepe é secretário para a Congregação do Clero. Esta exposição foi feita na Conferência do Diaconado Católico dos Estados Unidos e da Conferência Nacional dos Bispos Católicos.

“Para alguns, a ideia do diaconado não foi bem pensada, pois é percebida como ‘obstáculo’ aos ‘agentes’ pastorais”. “É preciso clarificar a relação entre o número de candidatos ao diaconado permanente e as verdadeiras necessidades eclesiais”.

“É importante dizer se os diáconos permanentes fazem parte do presbitério da diocese e se podem ser considerados como constitutivos do ministério hierárquico da Igreja”. “Alguns insistem na necessidade de explicar em que consiste o ‘diaconado feminino’ em relação com as ‘diaconisas’ da Igreja antiga”.

“Há quem refira que os diáconos, muitas vezes, ficam entregues a si mesmos”. “A maior preocupação daqueles que responderam, consiste no problema da formação apropriada e completa (humana, espiritual, intelectual e pastoral) tanto antes como depois da ordenação”.

2.3. Relatório dos Bispos dos Estados Unidos

O relatório dos Bispos Católicos dos Estados Unidos⁷ refere que a restauração do diaconado “obteve um grande sucesso”, “que correspondeu às suas expectativas iniciais”, que os problemas de identidade e reconhecimento fazem parte de um contexto mais alargado e se resolvem, “havendo maior comunicação e melhores relações pessoais”.

De acordo com os dados obtidos, “o primeiro desafio que se coloca ao diaconado nos anos futuros é o de alargar este ministério para além da sua adaptação à vida paroquial, que também resultou e que é indispensável e concentrar-se mais nos diáconos que, pela sua ordenação, são chamados a ser modelos que exercem e possibilitam o ministério da caridade e da justiça na Igreja local”.

Nas respostas a estes questionários, aparecem comentários-desabafos profundamente interpelantes. Eis alguns: “Receio que o diaconado se torne mais clerical, mais litúrgico, um sucedâneo para a falta de padres”. “Espero que não venham a ser padres em miniatura”. “Tenho

⁷ ID. – Conférence National des Évêques Catholiques (NCCB) des États Unis, Une Étude National sur le Diaconat. *Documentation Catholique*. 2137 (05.05.1996) 428-434. Este relatório foi elaborado com os dados apurados em quatro questionários nacionais.

bastante receio de que surja uma autêntica confusão com o papel dos padres e dos leigos”. “Temos centenas de paroquianos voluntários. Não preciso de assistente litúrgico”. “Espero que um ministério laical de homens e mulheres, com jurisdição paroquial, vá substituir isso”.

A leitura da situação existencial dos diáconos, como pode verificar-se pelas referências anteriores, suscita algumas questões que, se forem respondidas, apontam caminhos de solução e abrem horizontes à formação permanente.

Como vivem os diáconos esta situação? Que estado de espírito revelam e como tentam fazer o seu enquadramento numa experiência feliz do ministério? Em que direcção aponta a evolução registada? Consequentemente, a caminhada pessoal, a vida familiar, o meio profissional, a paróquia e o exercício do ministério que interpelações podem fazer à formação permanente?

A procura de respostas a estas interrogações constitui ‘o pano de fundo’ da temática que estamos a apresentar e queremos desenvolver.

3. Perfil desejado

3.1. Na Igreja portuguesa

Ao justificar a restauração do diaconado⁸, a Conferência Episcopal Portuguesa apresenta duas espécies de razões: umas de natureza teológico-pastoral comuns a toda a Igreja e outras que considera peculiares da nossa situação sócio-religiosa. Refere concretamente as três seguintes:

- Obviar à situação de relativo abandono pastoral em que se encontram ou se prevê venham a encontrar muitas pequenas comunidades paroquiais;
- Facilitar, nos meios urbanos, o exercício do ministério sacerdotal dos padres;

⁸ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO, SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – *Directivas para a admissão e ordenação de candidatos nas Dioceses de Portugal*. In *DIACONADO Permanente*. Braga, 1979, p. 112. Este livro contém as Actas da 1ª Semana de Estudos sobre o Diaconado permanente em Portugal (05-09/11/1979) e outros documentos considerados importantes para a sua instauração entre nós.

- Reconhecer o serviço que efectivamente algumas pessoas já prestam, enriquecendo-as com a graça que o sacramento da ordem lhes confere.

Assim, “a restauração do diaconado permanente poderá contribuir para superar a crise do clero, edificar autênticas comunidades cristãs e assegurar a presença da Igreja na família, na escola, na profissão e na sociedade em geral”.

3.2. Na Igreja de França⁹

“Os bispos franceses exprimem a sua preferência por diáconos que, no contacto diário com as pessoas, graças à sua situação familiar e profissional, possam dar testemunho, em plena vida, do serviço que o povo de Deus deve prestar aos homens, a exemplo de Cristo”.

Esta opção faz com que não pareça “oportuno chamar ao diaconado homens que até agora tenham sido simples animadores litúrgicos, unicamente encarregados de presidir à assembleia cristã na ausência do padre, de lhes anunciar a Palavra de Deus e de distribuir a Sagrada Eucaristia”.

Esta preferência não esquece a globalidade do ministério diaconal, mas acentua alguns traços que lhe dão uma configuração específica: o contacto diário em que decorre a normalidade da vida e não tanto o desempenho de acções ocasionais; a situação familiar onde as relações entre as pessoas adquirem um novo sentido; a inserção profissional que estabelece novos laços de solidariedade; o compromisso com a vida nos seus aspectos mais decisivos. Em resumo, a opção dos bispos de França vai para o diaconado que seja presença junto dos que sofrem todas as formas de pobreza, de indiferença religiosa e de subdesenvolvimento¹⁰.

Estes traços configuram o perfil do diácono como um homem adulto na fé, inserido no seu meio de vida, testemunha de serviço, animador do Povo de Deus, agente de pastoral, responsável pelo ministé-

⁹ Cf. PETIPAS, Henri – *Où en est le diaconat en France? Prêtres Diocésains*. 1314/12 (1993) 495-499.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, 497.

rio confiado: na acção eclesial e nos pontos nevrálgicos da sociedade. Ou com palavras do actual Papa ao referir-se à decisão conciliar da restauração do diaconado permanente: “Uma exigência particularmente sentida (...) era e é a da maior e mais directa presença de ministros da Igreja nos vários ambientes da família, de trabalho, de escola, etc., além de nas estruturas pastorais constituídas”¹¹.

A esta luz, surge uma espécie de interpelação forte: como faço meus estes traços comuns? Sou homem da Igreja que vou aprendendo a acolher e a interpretar o mundo e prolongo a sua voz no interior das comunidades cristãs? Sou homem do mundo que vive em sintonia com as preocupações da Igreja e testemunho o Evangelho? Esforço-me por fazer a ponte entre ambos, dando-lhes guarida no meu coração?

4. Diáconos a caminho

Guiados pela necessidade de procurar respostas para as interpelações sentidas, é preciso pôr-se a caminho, assumindo corajosamente a situação vivida e prosseguindo com firmeza o ideal agora delineado, embora em traços muito gerais. Pôr-se a caminho e dar os passos possíveis na direcção certa. Prosseguir sem esmorecimentos ou simples entusiasmos momentâneos, nem lentidões excessivas ou pressas exageradas. É preciso cultivar a noção do tempo e apreciar os esforços que se vão fazendo.

Recriar a fisionomia do diaconado, sendo fiel aos seus traços fundamentais e tendo em conta a nova situação da Igreja e as novas exigências da sociedade, vai ser desafio complexo que a nossa geração está chamada a enfrentar corajosa e lucidamente.

Na caminhada a empreender há um conjunto de atitudes a cultivar e de apoios a potenciar e organizar.

Das atitudes, destacam-se o esforço pessoal, sempre insubstituível, o sentir-se acompanhado, de forma pedagógica, o manter claro e mobilizador o objectivo a alcançar, o saber apreciar cada passo dado,

¹¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978- (João Paulo II) – O diaconado na comunhão ministerial e hierárquica da Igreja. *L'Osservatore Romano*. 41 (10.10.1993) 8.

ainda que pequenino, a confiança filial em Deus que sempre está conosco e nos abre horizontes de maior plenitude.

Dos apoios a valorizar, importa sublinhar a ajuda equilibrada da família, sobretudo da esposa, a colaboração solidária dos colegas e dos presbíteros, de toda a comunidade eclesial. O diácono precisa de verificar que é desejado no seu ministério, apreciado pela sua dedicação e estimulado nos seus esforços.

Um dos apoios mais significativos provém do acerto do programa de formação contínua. Este acerto constitui uma autêntica 'pedra de toque' e pode ser a matriz onde se revigora o Dom recebido pela imposição das mãos.

O programa oficial para as dioceses portuguesas é dos começos dos anos 80 e foi publicado a título experimental. Desde então, quanto caminho andado! Talvez esteja a ser necessário fazer a revisão deste programa, reelaborar e desenvolver os seus conteúdos doutrinários e introduzir algumas orientações de prática pedagógica.

A realidade que está em jogo é a pessoa, ser livre e relacionada, que se sente chamada a viver no dia-a-dia o SIM inicial que vai amadurecendo com o realismo das situações, dos ritmos e das crises pessoais e familiares, com a prática consciente do ministério. Se por um lado, é necessário a sua aptidão e esforço comprovado, por outro a proposta de formação contínua deve estar adequada ao comum dos candidatos e prever formas de acompanhamento pessoalizado para as situações especiais.

Cultivando aquelas atitudes e dispondo destes apoios, o diácono pode ir construindo a unidade de vida centrada na caridade feita serviço, à maneira de Jesus Cristo, o Diácono do Pai. Esta unidade leva-o a procurar a harmonia do seu ser, tentando integrar as três dimensões do agir humano: O que aprende e faz (teologia e pastoral); o que reza e celebra (liturgia e espiritualidade); o que realmente transmite (ética e pedagogia).

Deste modo, a vida fica centrada em Cristo, unificada pelo amor-serviço, aberta às múltiplas necessidades humanas e aos diversos apelos de crescimento para a maturidade. A sua expressão mais eloquente será, sem dúvida, o testemunho de felicidade contagiante.

5. Itinerário de Formação Permanente

Toda a formação está ao serviço da pessoa, do progressivo desenvolvimento das suas capacidades e da realização plena da sua vocação-missão. É fruto não apenas de actos esporádicos nem acções soltas, mas de um processo gradual, organizado e envolvente da pessoa em todas as suas dimensões. O seu ponto de partida, a sua referência constante e o seu objectivo final são sempre a situação efectiva das pessoas e, nela, tudo o que realmente as afecta. Em todo o itinerário, importa privilegiar o testemunho feliz de quem está responsabilizado por um ministério de qualidade de serviço na vida eclesial.

No processo de formação permanente, há elementos de vária ordem a considerar. Por brevidade de tempo, referem-se apenas os que são constantes de âmbito global, bem como alguns meios mais importantes.

5.1. Em relação às constantes, parece indispensável atender ao ritmo de cada pessoa, às condições em que o ministério é exercido, aos novos desafios emergentes da cultura secularizada, à aceitação prática da diocesaneidade da Igreja católica e ao repto da nova evangelização. Embora brevemente, aqui ficam algumas referências fundamentais.

5.1.1. O ritmo bio-psico-espiritual é, sem dúvida, a primeira constante a ter sempre presente. É um ritmo que está condicionado por muitos factores internos e externos à pessoa. É um ritmo que a todos afecta e cada um deve assumir conscientemente de forma positiva e evangélica. É um ritmo que tem a ver com a identidade profunda do ser humano.

Do modo como se viva, depende em grande parte a experiência de realização feliz no dia-a-dia, o grau de satisfação na família e no trabalho, a qualidade do serviço no ministério e, conseqüentemente, a força de irradiação apostólica.

Sirva de exemplo a fase do adulto amadurecido (\pm 40-65), em que se encontra uma boa percentagem dos diáconos portugueses.

Daqueles factores destacam-se pelo seu valor de expressão e pela força de interpelação: a constituição fisiológica, a educação e formação recebidas, a realização profissional, o ambiente familiar e o

exercício do ministério. São factores que se repercutem no adulto e lhe provocam uma experiência peculiar neste período da vida, habitualmente caracterizado pela *crise do realismo*.

Esta crise expressa-se em tentações que somos chamados a assumir e a superar. Eis algumas ¹²:

- Ignorar a idade e os sintomas que fazem parte de cada período da vida, menosprezar o seu significado profundo e os apelos correspondentes. Algumas perguntas, formuladas em termos pessoais, podem abrir horizontes à compreensão dessa tentação: Sentes perdas de memória ou quebras de energia? Irritas-te com mais facilidade e ficas ansioso com o que acontece à tua volta? Impressionas-te com a visita a familiares mais velhos e a doentes amigos, com a morte de algum colega ou a participação no seu funeral? Incomodas-te com as incertezas da fé e esqueces que a fé nos ensina a confiar plenamente em Deus?
- Deixar-se endurecer pela experiência da vida e adaptar atitudes rígidas. Seria o caso de quem sempre foi exigente consigo mesmo e fez da conquista da virtude o sentido da sua vida, de quem cumpre normas e faz tudo para calar a voz dos sentimentos mais profundos, de quem se defende perante a novidade que o desestabiliza e ameaça a sua segurança.
- Manter 'a todo o custo' os ares juvenis em contraste evidente com a idade e a situação próprias. Modos de vestir, relações interpessoais, cuidados da saúde e do corpo podem constituir sintomas reveladores desta juvenilização despropositada e, por vezes, caricata.
- Procurar e consolidar a segurança material concretizada em bens, fontes de rendimento, conforto, comodidade, cuidado do físico em todas as suas formas.
- Apostar no pragmatismo, mesmo na vida espiritual, impregnando de forte suspeição a experiência religiosa 'desencarnada'; este pragmatismo está repassado de realismo tendencialmente limitado pela medida daquilo que vive e lhe dá

¹² Cf. GARRIDO, Javier - *Adulto y Cristiano*. Santander: Sal Terrae, 1989, p. 139-148.

garantias de eficácia. Esquece que o espírito não é realista nem idealista, mas peregrino que se movimenta na vida tendo em conta aqueles dois pólos e assume o passo possível em cada fase etária, psicológica e espiritual.

- Cultivar, ainda que subtilmente, a auto-suficiência revestida de critérios próprios, de esforços de discernimento, de actuação autónoma, de consciência das suas capacidades. É perigosa esta disposição porque pode fechar o coração à novidade, ao amor, à verdade, ao crescimento no Espírito. Deste modo e sem dar conta, mata as fontes da vida e faz morrer o coração por inanição.
- Viver na prática em mentira existencial que mascara a sua própria crise ¹³.

Esta última característica resume, a seu modo, todas as outras: A autonomia de uma maturidade que necessita de dominar a existência porque tem medo da finitude. A sabedoria que se faz conselho para os outros, mas que para si mesmo é sintoma de angústia e revela vontade de controlar a vida espiritual. A entrega incansável ao próximo, *com fugas frequentes de Deus*. A fidelidade ao serviço e às coisas, em contraste evidente com o esquecimento e a desatenção às pessoas. A serenidade aparente quando inferiormente nos assalta a inquietação do futuro iminente, da hora das perguntas decisivas, do limite que confrange, embora possa abrir horizontes as precárias condições humanas e lançar os desejos profundos do coração no amor infinito de Deus e na sua misericórdia. O esforço por 'agarrar a vida' fugaz, descurando o apelo suave ao abandono filial, a certeza da fé confiante, a necessidade de morrer para ressuscitar para a plenitude.

5.1.2. O exercício do ministério, o seu contexto eclesial e o impacto na sociedade constituem elementos decisivos do núcleo primordial daqueles factores.

Toda a pessoa necessita de ser reconhecida no que faz e de comprovar que vale a pena a sua dedicação generosa e comprometida. De contrário, para que servirá a sua habilitação e disponibilidade?!

¹³ Cf. *Ibid.*, p. 148.

O diácono vê esta necessidade acrescida por várias razões provenientes da novidade do seu ministério e das múltiplas formas que reveste o correspondente exercício, do envolvimento da família, designadamente da esposa, da sensibilidade eclesial polarizada na promoção dos leigos e na desclericalização dos padres, e das novas urgências sociais que a aceleração da mudança provoca e avoluma.

A habilitação para o ministério e o gosto pelo seu exercício vão-se adquirindo com a experiência reflectida, o estudo oportuno, a oração existencial e a convivência amiga e fraterna entre os diáconos e destes com os presbíteros.

Essa habilitação está profundamente relacionada com a formação de base e com o processo de acompanhamento posterior. A qualidade do serviço e o grau de satisfação do diácono, de seus familiares e daqueles que beneficiam da sua entrega fazem parte da formação permanente.

A prática da inserção eclesial passa pela definição clara das funções a desempenhar e pela sua articulação com a programação pastoral da Igreja diocesana ou das comunidades que nela se integram e a configuram.

São funções em todas as áreas da acção eclesial, designadamente na evangelização missionária, na educação das razões da fé, na celebração e animação litúrgica e oracional, na promoção da dignidade humana e justiça social (direitos humanos). O diácono tem mais o valor de símbolo do que de agente, de sacramento do que de interveniente. Nele e por ele se configura a vocação de serviço que pertence a todos os membros do povo de Deus e que urge despertar, promover e relacionar convenientemente ¹⁴.

Esta função simbólica é particularmente expressiva na acção litúrgica. A presença e intervenção do diácono não é tanto para fazer 'coisas' que, porventura, lhe estejam ritualmente atribuídas. Também não deve ser uma questão de solenidade da festa ou de ornamentação do espaço sagrado. "O diácono pode oferecer, na eucaristia, a expressão sacramental do seu ministério específico, já que o carisma diaco-

¹⁴ Cf. WINDELS, O. - Le ministère diaconal en Liturgie. *Nouvelle Revue Théologique*. 119/3 (1997) 397-404.

nal não está orientado para a presidência, mas para o serviço. É, assim, imagem de Cristo servo junto da assembleia, imagem da Igreja voltada para o exterior. No seu ministério e na sua expressão litúrgica, une o serviço daquilo que, às vezes, se designa por três mesas: a da palavra, a da eucaristia e a da caridade" ¹⁵.

Importa desenvolver esta dimensão simbólica, apreciar o seu significado profundo e actualizar a sua realização prática, procurando formas adequadas de expressão. O diácono está ao serviço da assembleia para a introduzir plenamente na celebração, é 'ministro da entrada' para acolher a todos, mas sobretudo aqueles que se sentem estranhos, e procurar situá-los em cada fase da acção litúrgica.

O diácono é igualmente o 'ministro do envio' para a missão. Revigorado por tudo quanto ocorre na celebração, vai o povo regressar às suas múltiplas tarefas temporais para aí testemunhar o amor-serviço, a esperança-aposta solidária, a fé-convicção profunda na presença discreta mas interveniente na vida e naquilo que a esta diz respeito.

O diácono é "sacramento de uma Igreja de portas abertas" ¹⁶, em que brilha especialmente o serviço da comunhão que sabe acolher e acompanhar e a paixão pela missão que urge promover e realizar. Nele, a voz do mundo nos seus variados sons e gemidos faz-se prece pessoal e proposta comunitária; nele, a palavra de Deus proclamada na assembleia faz-se palavra com densidade humana, força e luz de aconselhamento para os hesitantes, guia de esperança para os abatidos e conforto do espírito para todos os peregrinos.

5.1.3. Os novos desafios culturais e a deslocação de valores, sobretudo a acentuação da experiência pessoal e do estilo de vida privada são outros tantos elementos a ter em conta no itinerário da formação permanente dos diáconos.

a) Os desafios culturais decorrem das consequências do processo de mudança que provoca uma 'situação de trânsito e de metamorfose' e origina uma nova época na história humana (cf. GS 4). Enumeram-

¹⁵ *Ibid.*, p. 402.

¹⁶ *Ibid.*, p. 403.

-se alguns que mais se destacam na pós-modernidade¹⁷ e podem afectar profundamente a vida dos diáconos e das suas famílias:

- A afirmação do pensamento 'débil e fragmentado', incapaz de formular explicações gerais válidas para a realidade e de apresentar uma cosmovisão coerente; por isso, escapa-lhe o todo e centra-se na parte, no momento, no provisório;
- A negação de que exista algum fundamento último em que possa apoiar-se a razão e a ética;
- A valorização da história individual e da vida quotidiana;
- A exaltação do privado e a inibição perante tudo o que é público e social;
- O apreço pela satisfação imediata e pelo sucesso pessoal;
- O triunfo do pluralismo de opinião e o correspondente nivelamento do valor de todas elas, sem referências objectivas nem ideais comuns que revelem horizontes superiores de realização colectiva.

Imerso nesta cultura, de que necessita o diácono para revigorar o Dom recebido e realizar o ministério confiado?! Sentindo os desafios contrastantes com o ideal a que consagra a sua vida e de que procura dar testemunho profético, como assumir os problemas decorrentes num programa adequado de formação contínua?! Situando-se numa Igreja fortemente questionada na 'praça pública', que apoios doutrinais e pedagógicos serão indispensáveis para a realização feliz do seu 'ministério-ponte'?!
b) Os valores e a sua evolução.

Os valores estão em profunda evolução¹⁸. Uns desaparecem, outros surgem com nova intensidade, outros ainda são reformulados. Alguns, sobretudo os que expressam a dignidade humana, o direito a felicidade, o amor à vida e à família, a afectividade, mantêm-se com elevado apreço, embora questionados.

¹⁷ Cf. SIERRA BRAVO, Restituto – *Ciencias Sociales y Doctrina Social de la Iglesia*. Madrid: Editorial CCS, 1996, p. 371.

¹⁸ Cf. ROCHA, G. – Deslocação de Valores. *Correio do Vouga*. 3352 (1998) 12.

Esta agitação no mundo dos valores pode verificar-se facilmente. Basta visitar os supermercados e ver o que expõem nos locais mais acessíveis, ou então passar os olhos por revistas de publicidade ou séries televisivas.

Sintoma claro desta situação é, sem dúvida, a evolução registada nos comportamentos de jovens na sociedade ou na família. As suas atitudes de preferência e entusiasmo ou de contestação aberta ou indiferença radical face a determinados factos e acontecimentos são pautadas basicamente pelos valores predominantes que estão relacionados com o bem estar pessoal e a relação amiga, como a harmonia interior, a liberdade e o sentido de realização, a auto-afirmação, a alegria, o espírito aberto, a imaginação criadora¹⁹.

Por isso, torna-se necessário apreciar os valores das novas gerações e procurar a sua articulação harmoniosa com outros valores que constituem o património da nossa civilização: o bem comum, a participação, a igualdade, o respeito pela consciência, a democracia representativa complementada com outras formas de intervenção popular, a liberdade religiosa, a solidariedade e interdependência dos grupos e das nações.

Neste contexto de mudança generalizada e de deslocação tão acentuada de valores, como se situa o diácono? O assédio chega-lhe de todos os lados, mas sobretudo dos filhos ou dos netos, da escola e de outros ambientes de trabalho, dos grupos de reflexão, dos movimentos de espiritualidade apostólica. Inseguro face ao passado, corre o risco de se fixar nas leis e esquecer as pessoas, de absolutizar os casos e perder de vista as situações, de reproduzir figurinos clericais envelhecidos pelo tempo e desajustados aos valores culturais da sociedade participativa e plural.

Este risco pode ser atenuado e, se possível, anulado pelo processo de formação contínua, assente no confronto sadio entre o que emerge continuamente da evolução do processo de mudança e os valo-

¹⁹ Cf. FIGUEIREDO, Eurico de – *Portugal: os próximos vinte anos*. Vol. 2. Lisboa: Ed. Gulbenkian, 1988. Na sociedade portuguesa, estudos de meados da década de oitenta elaborados a partir da escala de Rokeach envolvendo 162 jovens universitários do concelho de Matosinhos (74 do sexo masculino e 88 do sexo feminino e respectivos pais 296, sendo 144 do sexo masculino e 152 do feminino) oferecem indicações cheias de interesse como refere o mesmo investigador.

res primordiais do Evangelho, entre as leis que regulamentam a actividade humana e os direitos fundamentais, universais e inalienáveis.

5.1.4. Neste processo, há uma outra constante irrenunciável para a formação permanente dos diáconos. É a Igreja e a sua realização diocesana, instituição exposta e sujeita a debate na praça pública, sobretudo os seus principais agentes e as suas organizações mais importantes.

Conhecer esta Igreja, as suas comunidades, instituições e movimentos, é o primeiro passo para uma adequada inserção pastoral. Conhecer e amar, mesmo que se discorda e conteste. A renovação revela-se mais autêntica quando é feita a partir de dentro, com provas dadas de compromisso incondicional.

Na Igreja diocesana, surge recentemente a novidade da restauração do diaconado, a diversidade de 'perfis' que brotam do exercício do ministério e a necessidade de reconhecimento efectivo dos seus membros.

Importa estar atento e credenciar a qualidade de serviço dos diáconos. Só assim poderão criar uma 'imagem de marca' que facilmente se torne reconhecida no seu valor inconfundível.

As previsíveis resistências constituem desafios a superar por esta qualificação. Vendo, os responsáveis reconhecem mais facilmente; reconhecendo, identificam o ministério e a pessoa que o realiza; identificando, dispõem de uma referência fundamental para se re-situarem no exercício do ministério ou dos serviços e aceitarem a proposta de restauração do diaconado ou darem alguma ajuda no processo da formação contínua.

5.1.5. Ser diácono na Igreja na viragem do milénio, significa viver intensamente o projecto de renovação polarizado nos valores do Grande Jubileu e dinamizado pela mística da nova evangelização²⁰.

As dioceses portuguesas, cada uma a seu modo, estão em caminhada de renovação jubilar, ora seguindo a proposta formulada pelo Papa, ora prosseguindo os programas pastorais que haviam elaborado num contexto mais vasto de renovação²¹.

²⁰ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978- (João Paulo II) – *Às Portas do Terceiro Milénio*. Lisboa: Ed. S. G. do Episcopado, 1988, n.ºs 31, 39 e 45.

²¹ Cf. ROCHA, G. – *Igreja Portuguesa nos Anos 90*. In *PRAXIS Pastoral*. Lisboa: Rei dos Livros, 1996, p. 40-42.

A nova evangelização comporta a resposta a três perguntas fundamentais formuladas já por Paulo VI na linha do Sínodo de 1974: Que é feito da energia do Evangelho capaz de impressionar vivamente a consciência dos homens? Como é que essa força pode transformar verdadeiramente o homem actual? Que métodos seguir para proclamar, de modo eficaz, a Boa Nova da salvação? (cf. EN 4).

Os Bispos de Portugal definiram a linha de rumo da nova evangelização e estabeleceram três prioridades pastorais para a década de 90. A linha de rumo destaca a importância da renovação da fé do povo, sendo fiéis às orientações conciliares e aos desafios da sociedade. As prioridades concretizam-se nas opções de construir comunidades, 'com proporções humanas', de despertar, mobilizar e formar os agentes, e de criar (ou reforçar) as estruturas de participação²².

A nova evangelização proporciona ao diácono um enquadramento específico para o exercício do seu ministério. Define o serviço a realizar, a comunidade a construir, a dinâmica e a mística a viver, os métodos de participação a usar, a humanização social a promover, a irradiação missionária a fomentar.

Importa assumir conscientemente esta oportunidade que o Espírito nos oferece pela mobilização jubilar da Igreja, pelo testemunho inquebrantável de João Paulo II e dos nossos Bispos, pelas interpelações emergentes da sociedade em mutação cultural.

5.2. Especificação nos períodos marcantes

O exercício do ministério é fruto da habilitação de quem o realiza e repercute-se sempre no seu modo de ser e de agir. A evolução da experiência deixa marcas profundas que vão configurando o perfil do diácono e o seu itinerário de formação contínua. Apontamos alguns marcos (ou etapas) mais salientes neste itinerário e indicamos possíveis recursos a ter em conta.

²² Cf. CEP – *Linhas de força de uma acção pastoral conjunta da Igreja em Portugal*. Lisboa: Ed. S. Geral do Episcopado, 1993.

5.2.1. Início do ministério

Nesta fase, as expectativas do diácono, da família e da comunidade são enormes. Pelo que se refere ao diácono, trata-se de comprovar a validade da formação de base, de experimentar que vale a pena a opção feita, de se sentir reconhecido e apreciado no serviço confiado, de contar com os meios indispensáveis à realização da missão em condições psicológicas e espirituais gratificantes.

A formação permanente deve atender basicamente a dois pólos. O primeiro diz respeito ao modo como o diácono vive esta fase, à reflexão que faz a partir da sua experiência, à partilha amiga e ao confronto saudável com os colegas e com o acompanhante pastoral; o segundo tem a ver com a escolha dos cursos indicados pelo programa oficial para o período da pós-ordenação. Estes cursos ou outros que venham a ser preferidos devem articular-se muito bem com aquela experiência a fim de possibilitar o início feliz de um ministério exigente e estimular o diácono a intensificar a sua autoformação.

5.2.2. Após uns anos de experiência

A vida traz as suas rotinas e crises, os seus problemas e apelos. Há o perigo da acomodação, da superficialidade, das dúvidas em relação à conveniência de ter sido ordenado. É normal que, após uns anos de exercício do ministério, haja necessidade de fazer uma avaliação sistemática do processo seguido e de reorganizar a formação de modo consequente.

A experiência dos presbíteros e dos religiosos pode ajudar a equacionar esta necessidade e abrir caminhos para se descobrirem propostas adequadas²³. Também outras modalidades de formação de leigos como a da 'Teologia à distância' ou as do Movimento por um Mundo Melhor comportam elementos muito positivos. Parece indispensável que o método a privilegiar seja o da leitura teológica dos sinais dos tempos que serve de suporte à estruturação da *Gaudium et Spes*, do Vaticano II.

²³ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978- (João Paulo II) – *Eu vos darei Pastores*. Lisboa: Ed. S. Geral do Episcopado, 1992, p. 226-230; *Vida consagrada*. Ed. Paulinas, 1996, p. 112-113. Embora comecem a surgir Directórios para o diaconado permanente em algumas dioceses, nota-se a falta de quaisquer indicações para a formação contínua (por ex. Coria-Cáceres, Espanha, 1996).

5.2.3. Mudanças de trabalho pastoral

Deixar um trabalho e assumir outro constitui sempre uma fase exigente a nível psicológico e pastoral, sobretudo na primeira vez. Os desenraizamentos de uma situação e a expectativa face a outra provocam sentimentos e atitudes que é necessário equacionar devidamente. Ninguém que viva desajustado da realidade pode sentir-se feliz e dar um testemunho convincente.

A Igreja está sensível a esta necessidade nos campos da catequese e insiste com os responsáveis para que sejam preparadas propostas concretas, acessíveis e pedagógicas. A mesma insistência deve fazer-se na área da formação permanente dos agentes pastorais, designadamente dos diáconos.

5.2.4. Fases de crise

A crise comporta uma provocação. Do incómodo da situação, é preciso saber tirar partido, descobrir as energias escondidas e assumir os apelos decorrentes. A crise constitui uma verdadeira oportunidade de crescimento humano e apostólico e de revigoramento espiritual. Nela está escondido o bater do Espírito à porta de cada um, com o intuito de reforçar a aliança familiar que nos abre a novas formas de colaboração na realização do projecto de salvação (cf. Apoc. 3, 20-22).

Frequentemente a reacção face à crise não é muito positiva. Mesmo os mais prevenidos, são surpreendidos pelos momentos dolorosos e pelas perdas sofridas²⁴. Recorde-se a propósito o que se descreve sobre a crise paradigmática do realismo (cf. 4.1.1.). Por isso, o processo da formação permanente deve ter em conta as épocas de crises e prever as formas de acompanhamento específico a cada diácono na sua situação concreta.

²⁴ Os diáconos permanentes viúvos podem obter dispensa do impedimento dirimente (can. 1087-1088) para celebrar novas núpcias e permanecer no ministério quando ocorra uma das três condições seguintes: "A grande e provada utilidade do ministério do diácono para a diocese de pertença; a presença de filhos em tenra idade, necessitados de cuidados maternos; e a presença de pais ou sogros anciãos, necessitados de assistência" (Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, Carta Circular de 06.06.1997).

5.2.5. Doença grave

A vida tem duas faces: A da saúde e a da doença. Do modo como nos relacionarmos com cada uma delas, depende o sentirmo-nos bem na nossa própria pele e o sabermos tirar partido das suas possibilidades reais. A educação para a saúde está felizmente a desenvolver-se muito. O mesmo não se pode dizer dos esforços na área da humanização da doença e dos valores que comporta para o crescimento pessoal e para o desenvolvimento das ciências antropológicas e médicas.

A doença grave constitui sempre uma ameaça à vida e cria os mais diversos estados de espírito e consequentes reacções. Nesta fase, muitos fantasmas se amontoam no imaginário da pessoa e avolumam o seu sofrimento. As seguranças psicológicas vão-se perdendo e o mundo interior fica exposto. Surgem as perguntas existenciais de valor definitivo.

No caso específico do diácono, o âmbito dos efeitos da doença grave alarga-se aos familiares, aos enfermos que acompanha pastoralmente e a outras pessoas que lhe pedem ajuda.

O itinerário da formação, além de reflectir as experiências de cada um e de procurar criar uma certa familiaridade com as correspondentes situações existenciais, deve prever um aprofundamento doutrinal sério e uma iniciação progressiva às técnicas de relação pedagógica de ajuda pastoral.

Pode ser muito útil contar com o testemunho de diáconos profissionais da saúde ou visitantes domiciliários de doentes ou elementos das capelarias dos hospitais.

5.2.6. Invalidez e velhice

A redução progressiva das forças é outra lei da vida normal. Pode provir do desgaste provocado pela intensidade ou pelo número elevado de anos decorridos ou ainda por algum acidente grave que limite fortemente as capacidades humanas.

Em casos de invalidez, é natural que o diácono conte com o apoio confortável dos seus familiares. Mas será igualmente desejável que o colégio diaconal tenha previsto alguns serviços para as necessidades mais urgentes. De igual modo, a Igreja diocesana está chamada a tomar as medidas indispensáveis aos desafios emergentes de tal situação.

Todavia é o próprio diácono que vive a sua invalidez ou velhice. Os apoios, sendo importantes, não substituem a qualidade do estado de ânimo, a sabedoria de gerir limitações e de vencer resistências, a compreensão da força da confiança e da paciência, a alegria da prestação de serviços proporcionais ao vigor das capacidades pessoais, a riqueza da reciprocidade da comunicação de experiências, a beleza de uma vida que, à semelhança de uma candeia de azeite, vai sempre iluminando até se consumirem as últimas energias.

A formação permanente encontra nestas fases uma oportunidade única a valorizar. Aqui, o Dom adquire novo rosto e a oblação, renovada configuração. O Cristo servo faz brilhar com intensidade a sua dimensão pascal e o diácono vai experienciando, em níveis de maior profundidade, o apelo à identificação total, ao apagamento progressivo, como o sol poente, iluminado por algum clarão precursor da manhã radiosa que se aproxima.

Nas fases de invalidez e de velhice, o processo de formação deve privilegiar o acompanhamento pessoal, a conversa amiga, a partilha de informações, a oração em comum, a prática da solidariedade fraterna, sem nunca substituir quem recebe a ajuda naquilo que possa fazer.

Aprender a envelhecer é uma ciência e uma arte que expressam bem os caminhos que o Espírito nos aponta para atingirmos a maturidade cristã. Há imensos e valiosos recursos, felizmente, a que se pode lançar mão. Importa saber aproveitá-los enquanto é tempo e, a partir deles, fazer a partilha das experiências de cada um iluminadas pela fé pascal e pela palavra actualizada do magistério eclesial.

Ao longo das fases anteriores foram já apontados alguns meios e sugeridas algumas atitudes consideradas indispensáveis em todo o itinerário de formação permanente. Nem de outro modo podia ser, tal a relação existente entre ambos. Todavia, parece importante fazer uma indicação sistemática, ainda que sumária, que proporcione uma visão geral daqueles meios e correspondentes atitudes.

5.3. Meios acessíveis para a formação permanente

Os meios mais usuais para a formação são muito diversificados e podem provir da experiência do ministério que se vai realizando e

dos recursos existentes na vida da Igreja diocesana em qualquer dos seus âmbitos. Todavia, nenhum meio substitui o esforço pessoal nem o encontro amigo e fraterno com os colegas que receberam o mesmo Dom e participam da mesma missão.

Mais em concreto, tem especial importância a iniciativa de cada um, a relação positiva com o acompanhante pastoral, a acção solidária do grupo dos diáconos, a participação na vida da comunidade eclesial, a presença e intervenção em sessões oportunamente organizadas e em cursos sistemáticos que dão consistência e actualização à formação de base.

5.3.1. A iniciativa pessoal

A vida normal animada pelo Espírito comporta imensas oportunidades de formação. Aliás, é o dia-a-dia do discípulo que procura ser fiel seguidor de Cristo que revela a face mais original do Espírito que nos unge para a missão e suscita em nós pulsões nobres de serviço generoso²⁵.

A vida surge como espaço privilegiado para

- entrar em relação com Ele e criar disposições para o acolhimento e a escuta das suas insinuações;
- corresponder aos seus impulsos e às suas moções interiores que suscitam novidade e originalidade;
- entrar no ritmo de humanização e de evangelização que pretende desencadear na Igreja e na sociedade;
- assumir conscientemente uma atitude de parceria espiritual com Ele na realização do projecto de salvação universal à 'semelhança' da que se originou com Maria de Nazaré aquando da geração de Jesus, nosso Salvador;
- tender constante e persistentemente para a plenitude da nossa configuração com Cristo e da nossa realização em Deus que, segundo a Sua promessa, há-de ser tudo em todos.

O que aconteceu na Virgem Maria pelo Espírito, pode ocorrer agora connosco pela missão pastoral, portadora da graça que faz nascer

²⁵ Cf. SOBRINO, Jon - "Luz que penetra las almas": Espírito de Dios y seguimiento lúcido de Jesus. *Sal Terrae*. (Enero 1998) 8-9.

novos filhos de Deus. "Todo aquele que fizer a vontade de Meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (Mt. 12, 59).

5.3.2. O diálogo com o acompanhante

Para viver do Espírito, interpretar as suas vozes e corresponder aos seus apelos, o cristão necessita de ser acompanhado pastoralmente, de forma adequada e pedagógica. Não bastam intervenções pontuais. São imprescindíveis relações de ajuda organizadas à maneira de processo, revestidas de sentimentos positivos próximos da empatia e da caridade apostólica.

O acompanhante é, antes de mais, um companheiro no sentido original da palavra, alguém que faz caminho comigo, que se alimenta do mesmo pão, que pretende realizar o mesmo sonho e chegar à mesma meta.

O diálogo com ele torna-se indispensável, a fim de cada um crescer na verdade de si mesmo, de se sentir membro qualificado do organismo vivo que é a Igreja, de centrar toda a sua razão de ser na prática da caridade (cf. Ef. 4, 14-16).

5.3.3. A acção do grupo dos diáconos

As múltiplas relações dos diáconos no seio do ministério ordenado (com o bispo e com os presbíteros, designadamente) hão-de configurar-se mais e melhor a partir da identidade do seu grupo organizado à maneira de colégio (a referência de inspiração bíblica que o Vaticano nos lega para expressar a realidade do ministério pastoral. Cf. L.G. 20).

No interior deste grupo, vivem os diáconos uma comunhão fraterna nascida do sacramento que deve traduzir-se em formas concretas de ajuda. Nasce desta realidade sublime uma consciência nova em que a solicitude por cada um e a atenção a todos ocupam o primeiro lugar. Tudo o que possa concretizar esta consciência comum deve ser implementado: presença amiga em casos de dor, visitas familiares, compromisso recíproco de oração, permuta de informações e de textos de estudo, prestação de serviços mútuos, apoio na realização do ministério, partilha de bens, constituição de algum fundo económico. Estes exemplos podem abrir caminho a outros tantos que as situações concretas supõem e exigem.

O âmbito de expressão desta consciência é não apenas local e diocesano, mas universal. O diaconado é um ministério da Igreja. As consequências práticas desta afirmação, quando forem vividas, podem provocar autênticas surpresas. Não faltam autores de reconhecida autoridade no campo da reflexão teológica e pastoral a lembrá-lo. "A renovação do diaconado preconizada pelo Vaticano II é a chave de renovação do ministério de toda a Igreja"²⁶.

Quando o diácono não se sente bem no seu grupo de irmãos e o evita a qualquer preço ou este ainda não assumiu a solicitude por todos e por cada um, a formação permanente deve privilegiar as iniciativas que visam encontrar solução para esta lacuna que, a perdurar, ameaça a saúde psicológica e espiritual dos membros e constitui um contrasinal na Igreja.

5.3.4. A participação na vida da comunidade

É na comunidade que a Igreja se revela, se edifica e se revigora para a missão. É no seu seio que os agentes pastorais, designadamente os que vivem o Dom da ordenação, exercem o seu ministério e crescem para a maturidade cristã. É aí que o diácono encontra uma forma privilegiada de formação contínua,

- dedicando uma especial atenção a cada pessoa, sobretudo às menos familiarizadas com a instituição eclesial, aos passantes e aos mais pobres;
- estando sensível a tudo o que o Espírito vai fazendo no coração do povo simples;
- participando na vida normal da comunidade, especialmente nas suas celebrações e reuniões, e promovendo a realização dos serviços que lhe estão confiados;
- organizando as suas ocupações para tomar parte e, sendo necessário, orientar sessões de formação, colecções e retiros; (a melhor forma de assimilar uma mensagem e exercitar o modo mais acertado de a comunicar é o treino reflectido e a experiência assumida);

²⁶ B. DUPUY, D. citado por POTTIER, B. - *La sacramentalité du diaconat*.

- sendo ponte entre todos e estabelecendo 'zonas de contacto' com os não cristãos e suas instituições.

5.3.5. O programa de estudos sistemáticos

O programa de estudos está condicionado fundamentalmente por três factores: a formação básica dos candidatos, o currículo pessoal de cada um e o avanço das ciências indispensáveis à boa realização do ministério.

Sobre o programa inicial é manifesta a sua insuficiência porque apenas enuncia as matérias a leccionar ao longo dos três anos e após a ordenação. Necessita de definir objectivos claros, de elaborar os conteúdos fundamentais de cada curso, de estabelecer algumas estratégias de participação e dinamização e de indicar a bibliografia principal. Torna-se igualmente indispensável colmatar esta formação académica com o acompanhamento espiritual personalizado e com alguma prática pastoral, quer em tarefas da comunidade eclesial, quer em serviços de voluntariado na sociedade. Trata-se, como é óbvio, de ajudar a fazer uma opção consciente, a definir e a dar consistência a uma pré-sentida vocação.

O currículo de cada um põe a claro não apenas a habilitação escolar, mas a experiência humana e cristã que são bases indispensáveis para a realização eficaz do ministério e o testemunho de uma vida feliz.

Há um mínimo a que não se pode ceder, sob pena de se vir a criar uma situação de tentar a Deus e de expor ao ridículo a Igreja e os seus agentes pastorais. Este mínimo coincide com as habilitações básicas para o exercício do ministério diaconal em qualquer circunstância. Não se exigem especializações, mas aquilo que é fundamental e deve constar do programa oficial.

Além do mínimo indispensável, há outros níveis que devem ser prosseguidos, conforme as circunstâncias, para a realização credenciada do ministério.

O avanço das ciências é enorme em todas as áreas. A cultura moderna, apesar da sua fragmentação, generalizou um conjunto espantoso de saberes. Os meios de comunicação 'servem à mesa comum', de forma acessível, estudos eruditos.

Algo semelhante acontece na área da prática teológica. A novidade dá rosto contínuo àquilo que parecia envelhecido. Está em marcha o exercício do escriba do Evangelho que sabe tirar da sua arca coisas novas e velhas para proveito de todos. A vida diária e o ministério colocam o diácono perante exigências múltiplas, complexas e desgastantes.

Nesse sentido, há que privilegiar o saber situar-se numa sociedade secular e pluralista, numa cultura de comunicação generalizada, numa releitura contínua dos textos oficiais e de autores reconhecidos.

É igualmente indispensável ajudar a saber fazer bem aquilo de que se está responsabilizado. Faz-se bem quando a dignidade brilha em toda a acção e quando o objectivo a alcançar se traduz na promoção das pessoas participantes para que realizem a vocação à santidade a que Deus as chama. No sentido de aprender a saber fazer bem, o método praxiológico pode oferecer uma boa ajuda. Este método inspira-se na praxis de Jesus (cf. Jo. 9) e inclui algumas fases ou “coordenadas de base: a observação (o olhar), a interpretação (o discernimento), a intervenção (o gesto) e a prospectiva (o horizonte de vida e de sentido)”²⁷.

Em resumo, a formação permanente é dom que o Senhor nos concede e resposta generosa que lhe damos em atitude de colaboração generosa com o Espírito Santo – o **Grande Mestre da Verdade** enviado por Jesus para nos guiar nos caminhos da vida. É Ele que suscita em nós o estudo aplicado, a oração diligente, o compromisso generoso, a fidelidade criativa, a procura confiante, a aceitação da cruz pascal e a atitude de serviço diaconal. Sem Ele, tudo entra na rotina e na superficialidade agonizantes. Com Ele, acontece a novidade permanente que revigora e abre horizontes entusiasmantes a todo aquele que se decide a ser discípulo fiel na ordem dos diáconos.

GEORGINO ROCHA

Vontade e Liberdade em João Duns Escoto

A obra e a figura de João Duns Escoto surgem-nos frequentemente associadas a uma relativa marginalidade e penumbra face ao núcleo doutrinal que o catolicismo preservou como marca da sua identidade desde os finais da Idade Média.

Se, já no século XIII, a obra do autor escocês se apresenta discordante em muitos aspectos essenciais do ensinamento de S. Tomás de Aquino, essa clivagem voltaria a manifestar-se mais tarde, em pleno século XX, mais particularmente entre a encíclica *Aeterni Patris* (1879) do papa Leão XIII e o Segundo Concílio Vaticano (1962-1965).

As profundas alterações culturais verificadas na Europa durante esse período suscitaram da parte do Vaticano o apelo a um centramento doutrinal e filosófico na tradição tomista, que se revelava o magistério mais seguro à constituição de uma identidade ameaçada nos seus pilares fundamentais, quer como concepção do mundo, quer como definição de um modelo antropológico e teológico.

A marcada renovação teológica operada pelo Vaticano II, ao suscitar um mais pleno exercício de liberdade de reflexão, proporcionou também um acrescido interesse pela obra de autores da tradição cristã frequentemente esquecidos, e uma renovação do estudo das fontes implicando a reconstituição dos textos originais.

No caso de Duns Escoto as incidências dessa renovação cultural foram particularmente significativas, se tivermos em conta os conteúdos mais distintivos da filosofia e da teologia escotista: a sua doutrina do primado do amor sobre a consciência, o conceito de univocidade do ser, o conceito de liberdade como aperfeiçoamento da vontade, o valor atribuído ao conhecimento intuitivo paralelamente ao conhecimento

²⁷ Cf. GRAND'MAISON, Jacques – *Ouverture: Praxéologie Pastorale*. Vol. 1. Montréal: Ed. Fides, 1987, p. 7.